



## **O REAL INFORMATIVO SIMULADO NA CRÔNICA OPINATIVA RADIOFÔNICA POPULAR**

**Clara Corrêa**

Jornalista, professora e mestranda do Programa de Pós-graduação em  
Comunicação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)

O discurso de um programa radiofônico dirigido à música e a cultura popular brasileira, em particular a nordestina, o "Forró da BAND" apresentado pela emissora BAND FM, de São Paulo, contém elementos jornalísticos. Tais como informações contínuas de tempo e temperatura, leitura das manchetes dos jornais impressos, relatos de festas e de experiências pessoais do locutor e dos ouvintes, entre outros. Levado ao ar ao vivo, os elementos acima podem ser considerados como o simulado do real em uma crônica diária, com conteúdo de memórias afetivas, entremeado de músicas de ritmos dançantes.

A proposta deste trabalho é mostrar que as informações em tempo real, característica do jornalismo informativo no rádio, assim como a periodicidade, pois vai ao ar todos os dias da semana, convivem com o texto da crônica, uma criação do periodismo opinativo e que atinge o imaginário do ouvinte. E que ambos, o dado factual e o estilo pessoal, reforçam a ilusão de uma realidade volátil, característica do veículo. A presença corpórea do locutor é materializada na vocalização da realidade de fatos, na maioria, acontecimentos distantes da realidade do ouvinte. Mas, a mesma voz o recoloca em espaços físicos, culturais e religiosos que não existem mais, pois ficaram no passado.

### **O simulado radiofônico**

Novos meios de comunicação foram criados após o rádio, mas mesmo a televisão que chegou a ameaçá-lo na década de cinquenta, ainda não obteve o mesmo alcance e a proximidade com o público, a radiofonia. Desde a sua popularização no século passado, apoiada sucessivamente no desenvolvimento tecnológico, como a transmissão via satélite e



pela Internet, ele atinge grandes dimensões geográficas e aos interesses de populações de todas as camadas sociais.

<sup>1</sup>Jornalista, professora e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Católica de Santos-UNISANTOS

Sem aliar a imagem ao som, como a televisão permite, o rádio tem sua força nas vozes dos locutores, na divulgação dos diversos gêneros musicais, nos efeitos sonoros, na informação em tempo real, na tecnologia e na alimentação do imaginário do ouvinte, com histórias, piadas, entrevistas e no fio condutor narrativo. O programa "*Forró da BAND*" é apresentado diariamente das 4h às 6hs, e aos domingos das 6h às 8hs, a partir de São Paulo, pela emissora BAND FM. A sua concepção e a sua apresentação é do radialista Luiz Duarte Amorim Filho, criador do personagem "Mano Véio". Na produção e também na eventual locução, está Expedito Duarte Amorim, o "Mano Novo" da dupla de irmãos.<sup>2</sup>

No programa radiofônico "Forró da BAND" a locução de Amorim Filho, objeto da análise e da forma como será descrito neste trabalho. A narração oral flui diretamente da memória do apresentador, sem o auxílio do texto preparado com antecedência, ao vivo, diariamente. Entre dados reais de hora e da estação do ano, há referências religiosas, de situações familiares e com expressões da linguagem conhecida pelos ouvintes, na maioria, habitantes das periferias das grandes cidades, das capitais do Nordeste e da população de localidades menores do Brasil.

*" São 4 horas e 6 minutos , são quatro horas e seis minutos da madrugada.  
Segura ele, Cabeleira, segura a estrovenga da grampola , meu bichinho,  
segura a rebimboca da parafuseta, o eixo do maniquelo, a castroia da .....  
meus amigos e minhas amigas, minhas amigas e meus amigos,  
meus amigos e meus amigos, minhas amigas e minhas amigas,  
meus parentes e minhas parentes de todos os dias,  
graças a Deus, graças a Nossa Senhora Aparecida,  
graças ao meu Padim Padre Cícero Romão Batista, do Juazeiro do Norte,  
está no Céu (som de sineta) emplacamos, emplacamos , emplacamos.  
Chegamos a terça-feira, moçada. Hoje é terça-feira, dia 19 de junho,  
19 de junho, meniiino, 19 de junho de 2001. É a estação do Outono brasileiro. " <sup>3</sup>*

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



<sup>2</sup> As informações sobre a emissora, a origem dos irmãos Amorim, a história do programa e oração do Padre Cícero foram impressas a partir do site da emissora -[www.bandfm.com.br](http://www.bandfm.com.br) e estão anexadas no final deste trabalho.

<sup>3</sup> Transcrição da fita cassete, da gravação do programa "Forró da Band", são do dia 19 de junho de 2001, assim como todos os outros trechos utilizados neste trabalho.

Neste trecho introdutório do programa, alguns elementos já encaminham o ouvinte ao universo de referências reais, como a do Padre Cícero. “O real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando - e pode ser reproduzido um número infinito de vezes a partir daí”, afirmação esta contida no texto de Baudrillard (1991,p8)<sup>4</sup>. A referência à padroeira religiosa do Brasil, trata da "substituição do real pelos signos do real" como diz o autor francês (1991, p.9), num processo referencial oral, de reprodutibilidade cotidiana. Este apelo constante à religiosidade e a imagem da santa, aí aliando uma descrição próxima do visual com o oral, reafirmam o caráter de irrealdade do discurso e do próprio veículo. Estes elementos estão presentes em todos os programas, desde a sua criação em 1995.

Da mesma forma, a locução das manchetes dos jornais do dia, de falas didáticas sobre os problemas causados pela ausência de chuvas e levaram ao racionamento de energia, em 2001, denominado popularmente de "apagão" pela população brasileira, introduzem o cotidiano, na voz de Amorim Filho.

Evidentemente, como diz o “Mano Novo”, evidentemente, teremos as represas com mais água e conseqüentemente, conseqüentemente, o apagão não chegará e o racionamento será amenizado.

Tomara que as previsões meteorológicas se confirmem!

Ou então, uma notícia econômica real lida com entonação de noticiarista, como o exemplo a seguir,

.”O Estado de São Paulo - “Pacote argentino derruba mercados e faz dólar *disparar*.”

É chamariz para a lembrança de uma piada sobre o povo argentino:

" Porque , ontem eu não sei onde eu fui, numa banca de jornal, sabe esta história de conversa para esperar trem, né, você entra no elevador. As vezes você é tímido no elevador, aí um fica olhando para a cara do outro . Qual é a desculpa



para conversar com o vizinho, com uma pessoa que você não conhece.  
“E aí, tá fazendo frio, né. Ou, tá fazendo calor. Ontem, eu fui até uma banca de jornal, a não, foi num estacionamento. Aí o gerente do estacionamento disse: Oh Mano Véio, tudo bem? Tudo bem. Eu falei, puxa frio, hem, pois é, este frio vem da Argentina. Ele falou, rapaz da Argentina só vem o que não presta. Ah, ah, ah (som de risada).

4 Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991

A locução, além da oralidade natural do apresentador, se apoia no texto radiofônico que exige adequação técnico-linguística concernente ao veículo, como explica Del Bianco (1999, p15)<sup>5</sup>.

5 Del Bianco, Nélia R. e Moreira, Sônia V. (org). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p15.

Além da técnica, no caso de Amorim Filho aperfeiçoada há mais de 35 anos de profissão, há o profundo conhecimento de elementos cultura popular brasileira, em particular da nordestina.

Este saber adquirido, a partir da origem pessoal (nasceu na Paraíba, na pequena cidade de Sousa) até o interesse pelas músicas de diversos ritmos origens, que deu origem ao nome do programa "Forró da Band". Somado ao conhecimento de todas as atividades culturais como as festas religiosas, os hábitos regionais, o que confere credibilidade ao apresentador, avalizada pelas intervenções do ouvinte, tema do capítulo "**Ouvinte - o fraterno invisível**", deste trabalho.

Com este conhecimento, o texto diário, mentalmente produzido, sem apoio do redigido, atinge o referencial da memória, na maioria das vezes da infância passada no meio rural ou em pequenas cidades interioranas. Os animais como a vaca, o jumento, pássaros e cobras são descritos assim como as procissões e festas religiosas, temperados com receitas de pratos típicos e referências turístico-geográficas em lembranças levadas ao ar. O ouvinte ao contar ao vivo, realimenta Amorim Filho e refaz uma memória, nem sempre real, da idéia de que aquele tempo sim, era bom. A maioria dos ouvintes, trabalha em atividades noturnas, como porteiros, zeladores, seguranças, padeiros, motoristas de caminhão e desempregados ou subempregados. O trecho transcrito, a seguir, representa a associação da realidade geográfica, mas distante hoje, de quem ouve.

. Diretamente de Sousa, do Vale dos Dinosauros, na gloriosa, na histórica, na inesquecível PARAÍBA, a terra de Campina Grande, a terra de -Ah rapaz!  
Um lugar lindo da Paraíba é o Pico do Jabre, o ponto mais alto do Nordeste.  
Perto da Serra do Teixeira, de Pombal, de Catolé do Rocha, de Riacho dos Cavalos, de Contado, de Sousa a minha terra, de São Gonçalo, Marisópolis, de Juazeirinho, Belenzinho, Cajazeiras, Jardim ....., Piancó, antiga Misericórdia ou então,



da Capital João Pessoa, de Santa Luzia, de Santa Rita que é bem pertinho de João Pessoa.  
(Fita transcrita, dia 19/06/02)

O vocabulário do locutor repleto de palavras e expressões conhecidas do ouvinte, o torna um amigo confiável e alegre. Na explicação de Cyro Cesar (1996, p 53)<sup>6</sup>, no item "A viagem do Bom-dia", *é nossa voz, inspirações, pensamentos e emoções poderem estar onde nosso corpo jamais poderia estar, ao lado de quem você nem sempre imagina e que*

6 Cesar, Cyro. Rádio: inspiração, transmissão e emoção. São Paulo:IBRASA, 1996, pp 45-53.

*se identifica com você.* Esta é a grande e marcante característica do rádio, que permite que a imaginação conviva com o cotidiano do ouvinte.

Ainda utilizando o texto de Cyro Cesar (1996, p 45), onde ele caracteriza a força do rádio *no sentido de influenciar, transformar, sensibilizar, convencer e esclarecer, que provém da simplicidade e não da complexidade das palavras.* Mesmo ao considerar o programa "Forró da Band" uma simulação de vivência apenas idealizada, característica do meio, é importante lembrar o papel de agente cultural representativo de pessoas anônimas. A crônica verbal aliada aos ritmados sons das músicas, originadas no Nordeste e que hoje fazem parte do repertório urbano de todo o País, em parte a partir da divulgação feita pelo próprio programa, encontram repercussão em larga escala. São mais de 1.200 cidades que integram a rede radiofônica, a partir da retransmissão via satélite.

### **Crônica ao amanhecer**

O conceito de crônica diária, como analisada neste trabalho, foi obtido em Marques de Melo (1985, p 113)<sup>7</sup> que a "considera como uma associação de idéias, o jogo de palavras e conceitos, as contraposições, que misturam o real e o imaginário como forma de fazer realçar o primeiro", se referindo a crônica escrita e apresentada em jornais impressos. O autor acrescenta que "a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação".

No exemplo do "Forró da Band", a rápida associação de fatos e lembranças, aliado ao jogo de palavras e mais, a introdução dos fatos cotidianos da vida da cidade, do país e do exterior a partir da leitura das manchetes dos jornais e dos comentários do locutor, somados a lembranças passadas, transformam o programa em uma crônica com texto e música. É com ela que muitos brasileiros amanhecem o dia.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Como toda crônica é pessoal e assinada, característica deste gênero jornalístico opinativo, Amorim Filho, como cronista radiofônico, mistura a realidade cotidiana, as vezes mesquinha, a partir dos depoimentos dos ouvintes com suas dificuldades financeiras, com a alegria e a esperança de tempos melhores. Esta característica, comum a quase todos os locutores de programas de variedades, nele tem também o objetivo de estimular à luta contra a desesperança de muitos dos seus conterrâneos.

O trecho transcrito abaixo demonstra a crônica desenvolvida diariamente por Amorim Filho:

"Pois é moçada, daqui prá frente vamos sapecar forró e hoje estou aqui com espírito saudosista, chumbo. Quatro e dez. Vamo lá! Lembrando aquela casinha de vovó, aquela casinha de vovô, nas quebradas do sertão, há quase quinhentos quilômetros do litoral. Onde a terra é seca, onde a terra é rachada, o matuto não usa sapato, o matuto do pé rachado. É, e o cabra tem boi brabo mesmo, jumento, bode, carneiro e porco. Mas o coração tem vontade de desfrutar a música da terra. E pra começar o nosso tarrubufado, oh sanfoneiro, puxa um pouco o paletó da saudade. (música) Eta danado, já dizem que beijo de mulher dos outros, tem gosto de chumbo."

O tempo e a temperatura, temas recorrentes nas crônicas publicadas em jornais e revistas, são tratados com intimidade, com diminutivos como "alguns segundinhos" e a leitura das manchetes dos principais jornais impressos brasileiros, entre eles, O Globo, Jornal do Brasil, A Tarde, Folha de São Paulo, também pode ser tratada de maneira jocosa, satirizando seus erros de locução.

"O Globo, Rio de Janeiro – “Dúvidas sobre a Argentina, deixa eu ler esta manchete de novo, Mano Véio – o óculos está sujo, aqui. O Globo, Rio de Janeiro. “Dúvidas sobre a Argentina faz o dólar subir e derruba Bolsa”.

Ou no início da leitura, soa nas mãos de Amorim Filho, a sineta de amarrar no pescoço do boi ou da vaca, a gravação da corneta na matinata, como visto nesta transcrição:

São 4 horas e treze, já pulamos para 4 e quatorze. Senhoras e senhores. (som de corneta da matinata do exército) Respeitável público. (som de sineta) (som de corneta...). Anunciamos e apresentamos..Let's go. Vamos para as manchetes de alguns dos principais jornais do Brasil. Olha, depois das cinco horas vai Ter o let's go. Let's go!.



O aspecto do jornalismo informativo, é a apresentação pura e simples do fato. As manchetes lidas naquela ocasião abordavam temas como o aumento do preço da tarifa telefônica, a queda do valor da moeda, os problemas econômicos da Argentina e o racionamento de energia. Assunto tratado até a exaustão por todos os meios de comunicação e motivo de chacota, apesar da seriedade do problema, pela própria população atingida pelo "apagão" e, que ao contrário do Governo Federal, cumpriu o que lhe foi pedido, como retrata a manchete lida no dia 19 de junho de 2001, no programa:

Diário de Pernambuco – ‘Nordeste economiza 19% de energia em 15 dias ‘

Afinal, como explica Marques de Melo (1985, p 116) 8, “o cronista que sabe atuar como

*sMarques de Melo, José. A opinião no jornalismo brasileiro. São Paulo, Vozes, 1985.p116.*

consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva”.

### **Ouvinte - o fraterno invisível**

As pessoas que se utilizam da ligação telefônica gratuita para entrar ao vivo no programa "Forró da Band", com o Amorim Filho ou com Expedito Duarte, estão despertas no horário da madrugada. Para iniciar mais uma jornada de trabalho ou para encerrá-la. Na maioria dos depoimentos, são relatadas as atividades econômicas de baixa remuneração como porteiros, seguranças de empresas, padeiros ou com horários diferenciados, como motoristas de táxi ou de caminhão.

Para que a conversação possa ocorrer sem interrupções, venha a ligação de onde vier, o programa se utiliza de um equipamento de amplificação, denominado híbrido telefônico, acoplado a uma linha e a um aparelho de telefonia, segundo Cyro Cesar (1996,p 59)8. Esta técnica difundida ao extremo no universo radiofônico, seja nos programas musicais, de variedades ou de jornalismo, coloca uma amostra da vida real, na simulação que vai ao ar. O ouvinte Reinaldo, na madrugada do dia 20 de junho de 2001, conversou com Amorim Filho. Ele é o retrato da população periférica e trabalhadora do Brasil:

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



“FM está presente numa boa São 4 e 27 vamos lá no telefone 80501313.  
Alo, no telefone alo, Brasil bom-dia!  
Bom -dia, mano véio.  
Opa! Quem fala?  
É Reinaldo mano velho.  
Fala Reynaldo tudo bem Reynaldo?  
Tudo bom mano velho rapaz justo que nem boca de bode,  
certo que nem pau de cambiteiro rapaz!  
Tu tá falando de onde, macho véio?  
Falo aqui de São Bernardo, mano véio.  
Você está em São Paulo?  
SP, São Bernardo do Campo.  
Ah,você está no ABC, em São Bernardo do Campo, uma belíssima encantadora cidade.  
Diga aí meu fii.  
É uma satisfação falar com você de novo o rapaz!  
O rapaz a alegria é toda nossa.

8Cesar, Cyro. *Rádio: inspiração, transmissão e emoção*. São Paulo: IBRASA, 1996. P 59.

Satisfação mesmo viu rapaz,opa faz tempo que eu não falo com vocês para mim é uma satisfação.  
Opa! muito obrigado, obrigado. O nosso combustível é você.  
Eu queria mandar um abraço pro Mano Novo que tá lá em Caruaru...  
Isso.  
Pra Mana Véia e pra véia de um peito só.  
Pra véia de um peito só?  
Isso .  
A velha de um peito só e a véia acha é bom viu !he he he he.  
Oh Reinaldo, se tá trabalhando Reinaldo?  
Estou trabalhando, Mano Véio.  
Se faz o que, o homem?  
To trabalhando, Mano Véio  
Se faz o que, home?  
Eu trabalho na segurança, Mano Véio.  
Há você trabalha na segurança né? e você nasceu onde, Reinaldo?  
Eu sou da Bahia ,Mano Véio.  
Eiiiita rapaz você viu o cara cantou lá ,o Gilton. Procurando a namorada dele,  
viajando pela Bahia inteira rapaz. Olha, você é de que cidade da Bahia?  
Eu sou de Santa Luz, Mano Véio.  
Eita Santa Luz ,faz tempo.  
Ali abaixo da Feira de Santana, naquela região ali.  
Ave-Maria rapaz que beleza. E você morou muito tempo na Bahia, o Reynaldo?  
Mano velho eu vim, eu vim de lá com 15 anos de idade.



Quinze anos? E você hoje está com quantos anos?

To com 48.

A com quatro oito?

É ,então eu tou aqui em São Paulo há 32 anos.

Há 32 anos né?

É.

A reafirmação das origens, tão valorizadas no programa, fica patente com a sequência do diálogo, quando Amorim Filho cobra a volta à Bahia, do ouvinte, que há 32 anos mora em São Bernardo, cidade da Grande São Paulo.

Mas você vai sempre a Bahia ou tem parente na Bahia?

Mano véio seu fala pra você, você não acredita, eu vim de lá e não voltei mais lá.

Rapaz!

Casei aqui e não voltei mais.

E nem sabe se tem parente, se tem família lá?

Não minha família ta toda aqui né.

A ta toda aqui.

**Lá, lá eu tenho só assim, primo,vô essas coisas.**

**Rapaz você nunca mais voltou lá?**

**Nunca voltei, rapaz toda a família voltou menos eu.**

**Tenha vergonha na cara home.**

Ah ah ah ah ah.

Pega um dia vai lá visitar também quando você chegar lá para visitar, você não vai conhecer mais nada.

Mais nada é!

E o povo não vai saber quem é você tú vai chegar lá e ninguém vai nem dar bola para você porque o cara chega gordo véio ah, ah,ah,ah.

O mano véio?

Diga meu bichinho!

Inclusive rapaz eu fui pra eu fui aí eu trabalhei na Band aí viu?

A você trabalhou aqui na Band é?

É eu trabalhei aí rapaz.

Há é na, na segurança?

É na segurança.

foi mesmo rapaz?

No tempo do Azem, lembra do Azem?

Lembro, lembro, lembro, do Azem rapaz!

Lembra do Azem que era o chefe da segurança?

Isso lembro.

Então aí terceirizou, ele saiu né.Isso.

Ai ficou o Jair no lugar dele né.

Isso o Jair é verdade.

Ai, tercerizou nenê.Ai, você dançou.

Foi, foi lembra que tercerizou?



Lembro, lembro, lembro, lembro.  
Aí todo mundo saiu fora. Uns ficou, outros saíram.

Este relato permite lembrar a conceituação de discurso como um processo e produto da interação verbal e, o enunciado sua unidade real, segundo Medina (2001, p 19). Ainda de acordo com essa autora, para se manifestar, "o discurso usa o texto, que podemos definir como toda e qualquer manifestação da capacidade humana, realizada mediante um sistema de signos. Pode ser tanto um poema ou uma conversa, quanto uma pintura ou uma escultura".

A capacidade de conversar com o outro invisível, como se estivesse ao seu lado, com os mesmos signos culturais e aproximando a linguagem do entendimento deste outro, torna a locução de Amorim Filho, o texto do programa apoiado nas músicas e outros elementos. Esta relação pessoal com o ouvinte, que considera o locutor fraternalmente, também tem o seu lado comercial desenvolvido, além da realimentação que os ouvintes permitem ao conteúdo do programa.

A partir do sucesso do programa "Forró da Band", em um horário cedido pela emissora paulista, ocorreu um fenômeno comercial - foi inicialmente inaugurada uma pequena loja de venda de fitas cassetes e Cds, ainda em pouca quantidade, em 1996, situada na região do Brás, reduto da população de origem nordestina, em São Paulo. Em 2001, foi aberta uma nova loja, numa galeria comercial, na avenida Paulista, seguida da criação da gravadora, que como todos os outros produtos têm a marca "Mano Véio- Mano Novo".

Em agosto de 2002, a modesta loja do Brás, se transformou na denominada "Megastore do Forró", em outro ponto, na mesma rua.

### **Comentário final**

A forma do programa é mantida a mesma, desde sua criação, o que permitiu a análise de um só programa. Neste trabalho, onde procurou-se apresentar apenas um viés, alinhavado a partir de uma costura muito mais rica de detalhes, não teve a pretensão de chegar a uma conclusão definitiva sobre os aspectos abordados. O norte do texto foi levar a uma reflexão sobre a possibilidade de haver alguma verdade e, por que não, beleza em um discurso radiofônico popular. Mesmo que questões como do real, a notícia ou fato do dia e,

9 Medina, Jorge Lellis Bomfin - *Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero*, site <http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/>

e do imaginário, a partir da memória do ouvinte do programa "Forró da Band", foi a fonte de inspiração deste trabalho. Abordada por Baudrillard, que considera que o real pode ser reproduzido, a partir de signos dele mesmo, e por isso quer passa a ser uma simulação. Em um programa radiofônico há a invisibilidade corpórea, substituída pela fala, sons, discursos que remetem a outra realidade.

São relatos de manifestações artísticas, culturais, religiosas, turísticas ou culinárias que trazem para o ouvinte histórias vividas ou relatadas por outros. Este papel de resgatador da memória dos ouvintes da madrugada é plenamente cumprido pelo programa.



## **Referências Bibliográficas**

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa, Relógio d'Água, 1991.
- CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transmissão e emoção*. São Paulo:IBRASA,1996.
- DEL BIANCO, Nélia R. e Moreira, Sônia V. (org). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo, Vozes, 1985.